

Tecnologia democrática

Mais velhos e pobres que alunos de cursos presenciais, matriculados no ensino a distância já são 15% do total de universitários do País

Carlos Lordelo

Primeiro dia de aula. Nada de professor, trote ou cabeça raspada. Lugar? A sala de um hotel no centro de São Paulo. Oito horas de sábado, 11 de fevereiro. Os 31 calouros do curso a distância de Administração da Faculdade Aiec foram conhecer a estrutura da graduação e o ambiente online onde vão estudar pelos próximos quatro anos. Em comum, têm o discurso de que, sem precisar ir à faculdade todo dia, finalmente conseguirão o diploma.

São 21 mulheres. Ana Paula Freitas, de 37 anos, começou a trabalhar aos 17, teve o primeiro filho aos 19. Disse que nunca pôde pagar uma faculdade. Funcionária do call center da TIM, aproveita o que chama “oportunidade única”: a empresa vai bancar 80% da graduação. Dez dias após o início das aulas, Ana Paula disse que a vida de calourea não estava fácil. “Coloco a criança (*ela tem outros dois filhos, de 2 e de 7 anos*) para dormir às 9 e meia, ligo o computador e estudo até meia-noite.”

Ana Paula resume o perfil dos alunos de graduação a distância no País: são mais velhos, mais pobres e precisam ajudar no sustento da casa. Legítimos representantes da classe C, apostam na educação para melhorar de vida. E recorrem à EaD porque conseguem estudar nos horários mais oportunos, sem abrir mão do emprego ou do convívio com a família. A contrapartida: ser organizados e autônomos, já que dependem mais de si mesmos que dos professores para aprender.

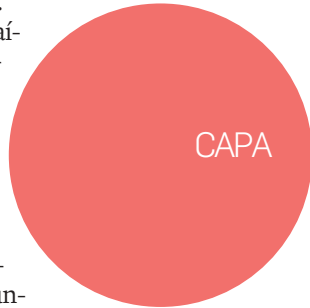
O ensino a distância não é novidade no País. Já na década de 1930 eram oferecidos cursos profissionalizantes por rádio e correspondência. O Instituto Universal Brasileiro, criado em 1941, está no imaginário de gera-

ções. Capacitou milhares de brasileiros em corte e costura e em eletrônica.

Enquanto em países como Inglaterra e Espanha, universidades de EaD nasceram já nos anos 1970, o ensino superior a distância ainda é adolescente no Brasil: seus fundamentos só surgiram em 1996, na Lei de Diretrizes e Bases. Mas o adolescente cresce rápido. O número de cursos de graduação saltou de 10, em 2000, para 930 em 2010, segundo o Ministério da Educação. A quantidade de alunos disparou, de 1,6 mil para 930 mil. Resultado: hoje 15% dos universitários estudam a distância.

Esse bolo vai continuar crescendo, segundo especialistas, porque somos um país continental onde a oferta de cursos está concentrada em grandes centros. Além disso, chegar à faculdade ainda é privilégio de uma minoria. “Jovens de centenas de municípios onde não há faculdades poderiam ser atendidos por polos de EaD”, diz o consultor João Vianney, que criou e coordenou o laboratório de ensino a distância da Federal de Santa Catarina.

Restrições. O MEC financia universidades públicas que já ofereciam graduações a distância por meio do programa Universidade Aberta do Brasil, hoje com 131 mil alunos. Mas impõe restrições à expansão da EaD. Exige, por exemplo, que os cursos tenham polos presenciais. Desde 2007, controla com mais rigor a abertura de cursos e é mais exigente em relação a infraestrutura e material didático. “A oferta de um curso a distância não ocorre pela mera transposição de um pro-



Pelo mundo. O piloto Ivo Martins, de 46 anos, resolvia exercícios do curso em hotéis



A EaD é mais importante que o ProUni e o Fies como ferramenta de inclusão, porque alcança o mesmo público”

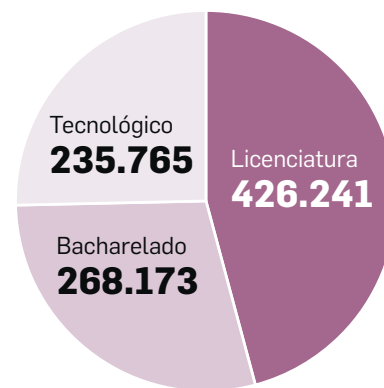
João Vianney, consultor

Perfil da EaD no Brasil

**Total de alunos
930.179***

Estudantes de cursos superiores a distância de Administração, Matemática, Pedagogia e Serviço Social tiraram, em média, **6,7 pontos** a mais que seus colegas de graduações presenciais no Enade de 2005, 2006 e 2007

*Questionário Socioeconômico do Enade 2008 e 2009



reto de curso concebido para ser ofertado presencialmente”, afirmou o MEC, em nota.

O sergipano Márcio Smith, de 22, admite que buscou a EaD achando que seria mais fácil. “Entramos eu e mais dois amigos. Eles desistiram no primeiro semestre, eu passei com dificuldade. Percebi que precisava encarar a faculdade de outra maneira.” Ele faz a graduação

tecnológica em Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Estácio. Começou no polo de Aracaju, mas recebeu proposta de emprego e mudou-se para Lajeado (RS). Desde o ano passado vive em São Paulo e, mesmo sem diploma, já assumiu a gerência de TI da academia Companhia Athletica no Morumbi, zona sul. “Ganho o triplo do meu salário de Aracaju e



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Tempo livre.

Ana Paula, caloura aos 37, estuda depois que os filhos mais novos dormem

trabalho menos. E ainda estudo na hora em que eu quiser.” Ele cola grau no fim deste ano.

Preconceito. A percepção de que a EaD é uma opção de segunda linha se choca com dados do Enade, prova que mede o rendimento dos estudantes da graduação. Em 2009, o MEC divulgou pela primeira vez uma pesquisa que comparava o desempenho de universitários nas modalidades presencial e a distância. Os formandos em EaD tiveram, em geral, 6,7 pontos a mais no exame que seus colegas de cursos presenciais em Administração, Matemática, Pedagogia e Serviço Social.

Mesmo diante de resultados como esse – e do fato de que o diploma não indica a modalidade do curso –, há empresas que evitam contratar graduados em EaD. Um preconceito que, segundo especialistas em RH, vai desaparecer conforme o mercado ganhe profissionais mais habituados ao uso das tecnologias de informação e comunicação. “As companhias vão dar menos importância à modalidade, mas vão continuar querendo saber em qual instituição o candidato se formou”, diz Irene Azevedo, diretora de negócios da consultoria LHH/DBM.

Por outro lado, a professora da FEA-USP e da FIA Tânia Casado, especialista em carreiras, vê com reservas a EaD. “Em que medida o estudante brasileiro, de qualquer idade, está maduro para o ensino a distância, quando não temos a cultura da autonomia nos estudos?” Se a graduação a distância ainda enfrenta obstáculos, outros cursos estão na moda. As empresas apostam na EaD em suas universidades corporativas para treinar funcionários espalhados pelo País.

O engenheiro paulista Cícero de Almeida Falcão, de 54, concluiu no fim do ano passado o MBA em Gestão Internacional de Projetos da FGV Online, parcialmente financiado pela Odebrecht. De Ipojuca (PE), ele participava de atividades online com colegas que trabalham em Angola e nos Estados

Unidos. “A Odebrecht tem a cultura de espalhar seus funcionários pelo mundo. Quis aumentar minha empregabilidade na própria companhia.”

Ivo Dino Martins, de 46, diz que não conseguiria se formar tecnólogo em Gestão Financeira caso não recorresse à EaD. Piloto particular de um banqueiro, fez atividades do curso da Anhembi Morumbi em hotéis de todos os continentes. “Percebi que tinha tempo, entre uma viagem e outra, para me dedicar a uma faculdade”, diz. “Se a pessoa tiver dedicação, vontade e organização, ela será bem-sucedida num curso presencial ou a distância.”

Mercado. A FGV e a Anhembi, onde estudaram Cícero e Ivo, são razoavelmente pequenas num setor em que 7 instituições têm a mesma quantidade de alunos na graduação que a soma de outras 127. A Universidade Norte do Paraná (Unopar) aparece isolada na dianteira, com 130 mil estudantes só na EaD. Há dois meses, foi comprada por R\$ 1,3 bilhão pela Kroton, empresa financiada com capital estrangeiro.

Enquanto estrangeiros estão de olho no mercado brasileiro de EaD, lá fora a modalidade vive um período excitante, mas nebuloso. Todas as grandes grifes internacionais do ensino superior, como Harvard, MIT, Yale, Columbia, Stanford, Oxford e Cambridge, trabalham com educação a distância. Mas nem sempre o conteúdo tem o formato de cursos que oferecem diploma (há muitas palestras e cursos livres) e rankings como o da revista americana *US News and World Report* costumam destacar instituições dedicadas apenas ao online, como a Walden University.

Filiada à rede Laureate (que controla instituições como a Anhembi aqui), Walden tem 48,5 mil alunos de graduação e pós de 140 países, em 65 cursos e 330 especializações. Investidor e consultor da Filadélfia, Kevin Miles está fazendo o doutorado em Administração de Empresas da Walden. Diz que tanto o governo quanto gran-

PERFIL DO ALUNO NO BRASIL

EM PORCENTAGEM

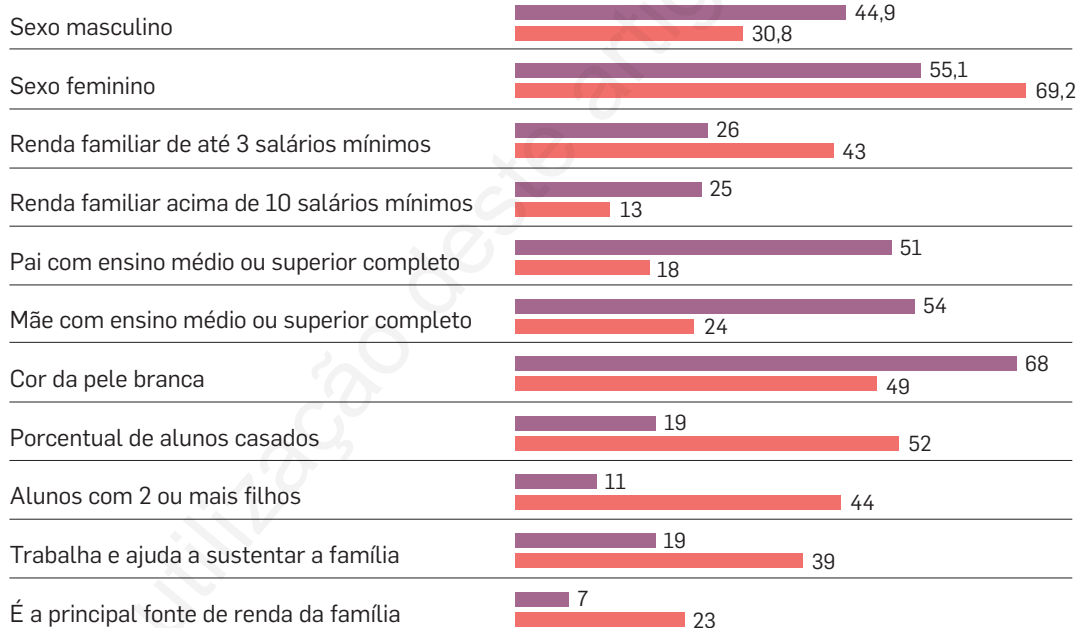
CRITÉRIOS*

■ ENSINO PRESENCIAL

Média de idade: 26 anos**

■ ENSINO A DISTÂNCIA

Média de idade: 33 anos**



*Questionário Socioeconômico do Enade 2008 e 2009 **Censo da Educação Superior 2010

FONTE: INEP

INFOGRÁFICO/AE

des empresas reconhecem a qualidade do ensino da instituição, mas admite que há reservas no meio acadêmico.

“Na minha classe há funcionários do governo e de grandes corporações, como Intel e HP”, conta Miles. “Embora alguns acadêmicos afirmem que o diploma de uma universidade convencional vale mais, escolhi Walden por indicação do reitor de uma das escolas de negócios top dos Estados Unidos – graduado em Harvard.”

No mercado online, por sinal, a questão não é nem saber se os grandes players serão universidades só de EaD ou convencionais. Editoras, empresas de mídia e telefonia despontam como concorrentes.

“Pode acontecer com as escolas o mesmo que ocorreu com os fabricantes de celular. Acostumados a competir entre si, não previram que a concorrência viria do iPhone e do Blackberry”, diz o brasileiro Newton Campos, diretor de Admissões da escola espanhola de negócios IE, cujo International Executive foi considerado o melhor MBA a distância do mundo pela revista *The Economist*. Por causa do quadro descrito por Campos, uma empresa como a Nokia viu seu valor de mercado despencar de US\$ 150 bilhões para US\$ 20 bilhões. “Um banco pode reunir especialistas e criar um excelente MBA em Finanças. E quem não iria querer fazer um MBA de uma consultoria como a McKinsey?”

No mercado existe espaço até para “guerrilheiros” como o matemático americano Salman Khan. Formado no MIT, Khan, que começou a publicar aulas na web para ensinar seus sobrinhos, já tem um acervo de 2.700 vídeos sobre assuntos variados. Embora sua academia seja mais voltada para o ensino básico, nada impede que outros sigam a trilha, mais voltados para o ensino superior.

Um deles é Sebastian Thrun, especialista em Ciência da Computação que no mês passado abriu mão do cargo de professor titular de Stanford depois do sucesso de seu curso online sobre inteligência artifi-

cial, assistido por mais 160 mil alunos. Thrun criou a startup Udacity, para oferecer cursos online a baixo custo. Entre eles um concebido para ensinar pessoas sem experiência em programação a criar um mecanismo de busca, como o Google, para o qual a Udacity espera atrair 500 mil interessados.

Portais. Não faltam canais para revelar novos Khans e Thruns, como os portais iTunesU, da Apple, YouTube EDU, Fora. TV e Udemy. A questão é: como sustentar o negócio? Nem todos, como Khan, podem contar com o dinheiro de Bill Gates. “Há várias experiências interessantes, mas ninguém ainda tem ‘o modelo’”, diz Campos.

Entre essas experiências, Campos cita a Alison, um catálogo de cursos gratuitos online que tira sua receita de banners publicitários. E a Academic Earth, outra queridinha de Gates, que oferece 350 cursos e mais de 5 mil palestras de professores top da nata de universidades americanas sobre assuntos variados, da economia verde à Teoria de Jogos. Bancada inicialmente por professores-investidores, a Academic Earth foi vendida no ano passado para a Ampush Media, empresa de marketing que anunciou a intenção de criar uma rede social a partir do site como meio de alavancar receita.

A EaD não enfrenta, porém, só o desafio da economia. Um ponto em comum em experiências fracassadas foi a dificuldade de mudar o professor. Num vídeo publicado no mês passado, sobre suas previsões para o que será a educação em 2060, o próprio Khan chamou a atenção para a importância do novo professor, mais tutor e menos “dono” do conhecimento.

“Em seminários, todos os representantes de grandes escolas reclamam da dificuldade de atrair o professor para a EaD”, diz Campos. “O bom é que daqui a cinco, dez anos, muitos desses jovens que hoje reclamam do professor que proíbe o uso do iPhone na classe estarão dando aula. Vão mudar tudo.”

COLABOROU SERGIO POMPEU

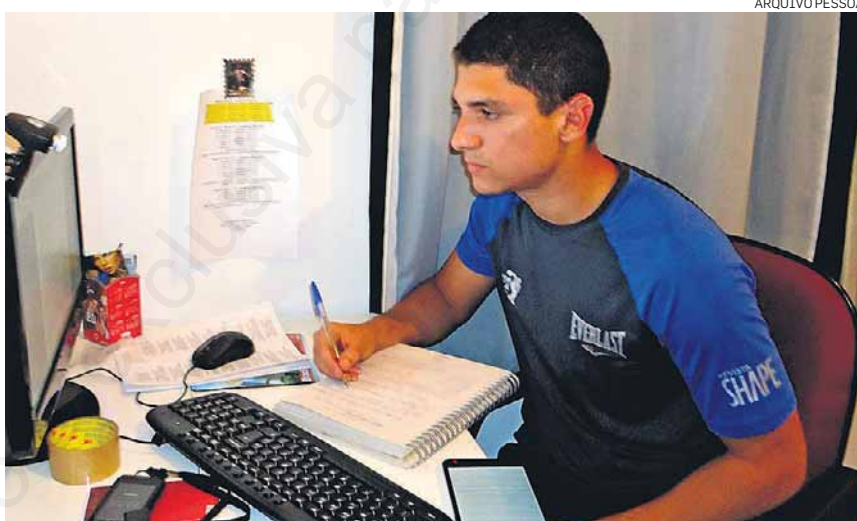
TOP 10 CURSOS

● As graduações com maior número de alunos na EaD

NOME DO CURSO	NÚMERO DE ALUNOS
Pedagogia	273.248
Administração	128.186
Serviço Social	74.474
Competências Gerenciais	45.880
Ciências Contábeis	40.936
Gestão de Pessoal / Recursos Humanos	35.486
Administração Pública	34.611
Formação de Professor de Português	28.591
Formação de Professor de Matemática	23.328
Formação de Professor de Biologia	19.087

FONTE: CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DE 2010/INEP

INFOGRÁFICO/AE



ARQUIVO PESSOAL

Mobilidade. Márcio Smith, de 22 anos, trocou de cidade três vezes, mas não deixou a faculdade

GIGANTES DO SETOR

● Instituições com maior número de alunos na EaD

NOME DA IES	NÚMERO DE ALUNOS
Universidade Norte do Paraná (Unopar)	130.960
Universidade Anhanguera Uniderp (Uniderp)	62.775
Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi)	59.599
Universidade Luterana do Brasil (Ulbra)	57.000
Faculdade de Tec. Internacional (Fatec Internacional)	52.654
Universidade do Tocantins (Unitins)	52.653
Universidade Paulista (Unip)	49.049
Universidade Castelo Branco (UCB)	45.178
Universidade de Uberaba (Uniube)	30.218
Centro Universitário UniSEB Interativo	28.299

FONTE: CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR DE 2010/INEP

INFOGRÁFICO/AE